

## **CABELO BOM É O QUE? A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO CONTEXTO ESCOLAR**

Laís Maria Barros da Silva (autor); Cristiane Maria Magalhães (co-autora)

*Graduada em Pedagogia no Centro Superior de Ensino e Pesquisa de Machado; Professora doutora do Centro Superior de Ensino e Pesquisa de Machado, cristmag@gmail.com*

**Resumo:** Este artigo tem como um dos objetivos principais conceituar o racismo e a discriminação racial e verificar de que formas ocorrem no contexto escolar. Buscou-se identificar como o preconceito interfere na vida escolar de milhares de crianças e jovens negros no Brasil. De igual modo, observou-se como os professores devem buscar práticas que o auxiliem na inclusão da criança negra e como pode-se a prática dos professores melhor a partir de conhecimentos sobre a influência da cultura negra na formação da população brasileira. O Brasil é um país composto por várias etnias e culturas, e a escola, sendo um espaço de formação de cidadãos, deve estar atenta às questões de discriminação racial que estão presentes em seu contexto, afetando seus alunos e, assim, prejudicando a aprendizagem dos mesmos. Atualmente, a sociedade impõe um modelo de indivíduo, esquecendo-se das diversidades. Cabe à escola incluir a todos e trabalhar com práticas pedagógicas que valorizem a cultura de cada grupo, levando os alunos ao desenvolvimento total de suas potencialidades e valorização de sua autoestima, já que a maioria dos alunos negros se sente inferiorizada. Deste modo, procura-se identificar como a discriminação interfere no processo de socialização dos alunos negros e como a escola pode agir para melhorar a potencialidade das crianças negras que fazem parte do contexto escolar brasileiro. Mostramos, também, como a implementação de leis referentes ao estudo da história da África pode auxiliar nessas práticas inclusivas no contexto escolar. Por fim, foi realizada uma pesquisa de campo com o intuito de identificar como as crianças reagem quando os personagens das histórias são negros e tem características diferentes dos personagens das histórias tradicionais.

**Palavras-chave:** Educação; Discriminação racial; Inclusão; Racismo.

## INTRODUÇÃO

O Brasil é um país composto por diferentes etnias. No entanto, a discriminação racial ainda é um tema frequente em nossa sociedade. Embora seja divulgado que o Brasil não é um país racista, notam-se vários casos de discriminação, tanto no contexto escolar quanto fora dele. Normalmente, quem é racista é o outro. O brasileiro não se vê como racista, porém, acredita que o outro é racista.

A escola como espaço de aprendizagem e onde se inicia a vida cultural do indivíduo, faz-se necessário que o professor trabalhe com a inclusão de todos, valorizando o contexto de cada aluno. Atualmente, existem vários documentos que garantem a inserção da cultura africana no ambiente escolar, como é o caso da LEI Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que introduziu o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana e que ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. A LEI nº 11.645, de 10 de março de 2008, alterou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, quando foram estabelecidas as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira e também da Indígena. As duas leis propuseram novas diretrizes curriculares para o estudo da história e culturas afro-brasileira, africana e indígena. Por exemplo, os professores devem ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados como sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas.

De acordo com o MEC – Ministério da Educação:

A partir de 2003, após alterações na lei nº 9.394/1996 pela sanção da lei nº 10.639/2003 e sua posterior regulamentação por meio do parecer CNE/CP nº 03/2004 e da resolução CNE/CP nº 01/2004, foi estabelecido obrigatoriamente o ensino de história Afro-brasileira e Africana nas escolas públicas e privadas da educação básica (BRASIL. MEC. 2014, p.11).

As práticas usadas pelo professor e o seu papel como agente educador é de grande relevância para trabalhar e elevar nas crianças negras a sua estima, pois a maioria das crianças negras se sente inferiorizada e, além de sentir a discriminação dos colegas, sentem também dos professores que, por falta de preparo, acabam discriminando as crianças sem mesmo perceber. O professor tem um papel muito importante na hora de trabalhar com livros e

projetos, pois esses despertam a curiosidade e a imaginação dos alunos. Atualmente os livros já vêm com uma temática diferente em relação ao negro, que antes era visto somente como empregado, mas ainda cabe ter cuidado e conhecer bem o livro ou o projeto que será utilizado. É preciso demonstrar às crianças a importância de todas as pessoas e que se deve formar pessoas para uma sociedade igualitária e justa.

Esse é o intuito desse artigo: demonstrar a importância de trabalhar com práticas inclusivas para a inserção do negro na sociedade e atentar para as questões de discriminação no ambiente escolar e como essas questões podem traumatizar as crianças assim que começam a frequentar a escola.

## **METODOLOGIA**

A discriminação racial é um tema recorrente em nossa sociedade que afeta principalmente o ambiente escolar, assunto de grande importância, pois, na maioria das vezes, ele acaba desconstruindo a imagem da criança negra. Os PCNs afirmam que a pluralidade é fator de “fortalecimento da democracia”. Nesse sentido, questionou-se: como educar para uma sociedade mais igualitária e livre de preconceitos, onde haja espaço para todas as culturas dentro do ambiente escolar?

O objetivo geral deste artigo foi o de analisar a presença da Discriminação Racial no contexto escolar e como o professor deve utilizar práticas para a inserção do negro no em tal ambiente.

Esta pesquisa foi realizada a partir de levantamento bibliográfico, com livros, textos e artigos que tratem do tema Discriminação Racial no contexto escolar. Foi realizada também uma pesquisa exploratória. Na atividade proposta, foi contada uma história a uma turma de alunos do 3º ano do ensino fundamental, abordando a questão do preconceito, para verificar como as crianças nessa faixa etária (8 anos) percebe as questões raciais, como tipos de cabelo e a cor da pele. Os resultados serão apresentados neste artigo.

## **DISCUSSÃO**

Discriminação racial, segundo conceito estabelecido pelas nações unidas, significa:

Qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência, ou origem nacional ou étnica, que tenha como objetivo ou efeito anular ou restringir o reconhecimento, o gozo ou o exercício, em condições de

igualdade, os direitos humanos ou liberdade, fundamentais no domínio político, social, ou cultural, ou em qualquer outro domínio político, social ou cultural, ou em qualquer outro domínio da vida pública (Convenção da ONU/1996).

Racismo, preconceito e discriminação são temas de veiculação crescente em nossa imprensa. Com isso aumentam-se os debates, incentivando a discussão dentro e fora das escolas (MUNANGA, 2005, p. 61). Para Munanga, há um alto grau de racismo praticado na área econômica contra o negro no Brasil.

De acordo com Maria Luiza Carneiro, durante cinco séculos, no Brasil, negros, mulatos, indígenas, judeus e ciganos foram discriminados pelo homem branco cristão (CARNEIRO, 1994, p. 9). Esta discriminação e a escravização de povos africanos e indígenas deixou marcas profundas na sociedade brasileira. Para a autora, no Brasil existe um racismo camuflado, disfarçado de democracia racial. No seu entendimento, esta forma de racismo é traiçoeira pois não se sabe exatamente de onde vem e ele pode se manifestar tanto em regimes autoritários quanto nas democracias (CARNEIRO, 1994, p. 7).

Sobre a existência do preconceito racial no Brasil, Munanga escreveu que:

A ignorância em relação à história antiga dos negros, às diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre duas raças que se confrontam pela primeira vez, tudo isso, mais as necessidades econômicas de exploração, predisuseram o espírito europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais. O negro torna-se, então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica (MUNANGA, 1986, p. 9).

O racismo é a pior forma de discriminação, porque a pessoa que foi discriminada não pode mudar suas características. Se o preconceito é contra pessoas obesas, por exemplo, elas podem emagrecer e, no caso de um negro não, ele sempre será negro. Portanto, as relações raciais são um dos temas mais complexos dos dias atuais, e o racismo, como se apresenta hoje, é um fenômeno relativamente novo (MUNANGA, 2005, p. 39).

De acordo com Lopes (2005), as pessoas não nascem racistas e nem preconceituosas, elas não herdam geneticamente tais atitudes, mas desenvolvem-nas através de seus pares, seja no ambiente familiar, no trabalho ou na escola, podendo assim tornarem-se preconceituosas e discriminadoras (LOPES apud MUNANGA, 2005, p.188).

Muitos negros ainda se sentem inferiorizados em relação aos brancos, principalmente, as crianças ao iniciarem na escola. A cor negra sempre foi associada a denominações negativas, levando a criança negra a ter vergonha da cor da sua pele.

Sobre esse assunto Guimarães ilustra:

A ideia me surgiu quando minha mãe pegou o preparo e com ele foi tirar o carvão da panela grudado no fundo. ...eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei e vi que, diante de tamanha dor, era impossível tirar todo negro da pele (GUIMARÃES, 1988, p.71).

Infelizmente, o racismo é uma prática diária e as pessoas que vivenciam o racismo também sofrem diariamente esta discriminação. E mesmo assim, ainda presenciamos muitos casos de discriminação racial em nossa sociedade, muitos casos acontecem, muitos ganham repercussão por acontecerem com pessoas famosas, outros nem tanto, mas os traumas são os mesmos.

O racismo, que surgiu desde a chegada dos europeus, se consolida até a atualidade. O negro e o indígena que eram as vítimas preferidas dos europeus, viam suas culturas sendo destruídas (SAN'TANA apud MUNANGA 2005, p 46).

Atitudes racistas têm provocado gravíssimas sequelas em milhões de crianças do nosso Brasil, é necessário reverter esse quadro preconceituoso que caracteriza a nossa sociedade, e sobre tal assunto, Munanga escreve:

Cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens quanto aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista a qual foram socializados (MUNANGA, p,17, 2005).

É necessário que desde pequenas as crianças aprendam a respeitar as diferenças e compreendam que a sociedade é composta por diferentes povos.

Por causa da lacuna histórica referente à falta de uma legislação e de ações inclusivas referentes ao combate ao racismo, nas últimas décadas foram criadas várias leis para tentar diminuir a discriminação racial no Brasil ou, pelo menos, punir os casos mais graves.

Maria Luiza Tucci Carneiro em seu livro “O racismo na história do Brasil”, relata que, embora tenhamos ganhado uma nova constituição, que proíbe a discriminação racial, no entanto, nem sempre um ato legal muda a realidade. Infelizmente é uma realidade cruel, pois muitos ainda desconhecem as leis e ainda cometem esse ato que acaba causando muitos danos na vida de quem sofre a discriminação (CARNEIRO, 1994, p.50).

A Constituição da República Federativa do Brasil promulgada no ano de 1988, assegurou reconhecimento público a uma obviedade raramente presente na imagem que o país faz de si próprio: a pluralidade étnico-racial da sociedade brasileira.

O ambiente escolar também é um ambiente fortemente marcado pela presença da discriminação e, portanto, o Estatuto da igualdade racial, lei 12 288, de 20 de julho de 2010,

no capítulo referente à educação, dispõe: **Art. 16.** O poder executivo federal, por meio de órgãos responsáveis pelas políticas públicas de promoção da igualdade e de educação, acompanhará e avaliará os programas de que trata esta seção.

As Diretrizes e Bases da Educação, explicam em seu texto: “O combate ao racismo e as discriminações de gênero, socioeconômicas, étnico-religiosas deve ser objeto de constante reflexão e intervenção no cotiando da educação infantil” (BRASIL, 2009, p. 10). Entende-se, portanto, que o ambiente escolar seria um lugar para se trabalhar uma educação igualitária, onde não precisasse de cotas para inserir o aluno negro em qualquer tipo de graduação.

A escola é o lugar de mediação dos saberes e dos valores em relação aos diferentes grupos que ali estão inseridos. A educação deve proporcionar a formação de cidadãos que respeitem as diferenças, deve permitir aos alunos que se respeitem entre si e seu grupo. Sobre esse assunto, Silva (2005) destaca o que Schenetzler (1994) pondera sobre ensinar: “a aprendizagem consiste na reorganização e desenvolvimento das concepções dos alunos, ou seja, implica na mudança conceitual” (GOMES apud SCHENETZIER, 2005, p.158). Portanto, cabe à escola ajudar seus alunos na reelaboração dos conceitos sobre o preconceito e a discriminação que encontra-se frequentemente dentro das escolas.

Ainda que camuflado, o racismo está presente diariamente em nossa sociedade e, dentro desse paradigma, o ambiente escolar não poderia ficar de fora dessa realidade que assombra a vida de crianças e professores pelo nosso país. Dentro dessa perspectiva, Silva escreveu:

Entendemos o silenciamento em relação as questões étnico-raciais no espaço escolar, como o conjunto de práticas omissivas que a escola, a exemplo da sociedade, desenvolve em relação à presença da população negra. De modo geral, a escola nega essa população, não discute a realidade social das pessoas negras e, ao transmitir a cultura eurocêntrica como uma cultura hierarquicamente superior, amplia a exclusão social da população negra. Assim, apoia-se na idéia do mérito para afirmar a capacidade ou incapacidade dessas pessoas, desconsiderando que o preconceito e a discriminação, com base em critérios étnico-raciais, estão entre os principais motivadores da evasão escolar de estudantes negros (SILVA, 2007, p.153).

Pesquisas mostram o fato da discriminação racial no ambiente escolar, e assim, Dias (1997, 2008) e Cavalleiro (1998), observaram que, em se tratando de discriminação racial com crianças que na faixa da pré-escola, acontece através de xingamentos, distanciamento, e rejeição são as formas mais comuns ocorrentes e sempre com as crianças negras no cotidiano escolar. A discriminação acontece por falta de reconhecimento de mérito das crianças negras e muitas vezes apenas por conta da cor da pele (BENTO, 2012, p.123).

A criança é um sujeito histórico, social e cultural que, ao ir para à escola, adquire novos conhecimentos, mas ela busca também trocar experiências. Para muitos profissionais da educação é difícil identificar no cotidiano escolar, elementos de estereótipo, preconceito e discriminação. Vale ressaltar que a escola é um ambiente que envolve os diferentes tipos étnicos raciais, mas parece que a mesma não reconhece a diversidade da formação de seus alunos, não levando em conta as experiências vivenciadas pelos alunos e pelas diferentes culturas que fazem parte da história de cada aluno. Esse fato torna a discriminação racial forte dentro do ambiente escolar. Silva Jr. dá destaque para a preocupação que as instâncias governamentais têm em trabalhar nos currículos temas voltados para a questão da discriminação e da exclusão social étnico-raciais. Assim, os PCN's devem ser trabalhados em conexão com a LDB e as orientações, para que aja uma eliminação das desigualdades raciais e a valorização das culturas no contexto da sala de aula.

Os índices educacionais para brancos e negros continuam apresentando diferenciais mais do que significativos, especialmente nos níveis de 2º e 3º graus, embora as diferenças venham-se reduzindo gradativamente para a escola de 1º grau. Em 1992, a escolarização das crianças negras de 7 a 14 anos era 12% inferior à das crianças brancas. Em 1999, esta distância foi reduzida para 4%, segundo dados do MEC. Mas é significativo o padrão da discriminação racial expresso pelo diferencial na escolaridade entre brancos e negros.

Em matéria ao Portal Terra, a diretora de Educação no Campo e Diversidade do MEC, Vanessa Faria, explicou sobre os baixos resultados que existem entre negros e brancos em relação às desigualdades enfrentadas no ambiente escolar e econômico, afirmando que tais resultados são reflexo da própria dificuldade da sociedade em reconhecer que existe racismo no país - situação que se repete no ambiente escolar. Em questionário aplicado em 2007 aos estudantes que participaram do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), menos de 3% se consideravam racistas, mas 60% disseram já ter presenciado uma situação de discriminação pela cor da pele e 30% afirmaram ter parentes racistas.

A escola reflete o que acontece na sociedade. Por anos acreditou-se no Brasil que não existia o racismo, e fica difícil superar um problema quando ele é negado", ressalta Vanessa. Para ela, a diferença de escolarização entre negros e brancos tem diminuído nos últimos anos, e a escola está mais aberta para o debate. "Nunca se falou tanto na questão da igualdade racial, mas este é um processo em construção. Os anos de estudo da população negra crescem em ritmo maior do que entre os brancos (FARIA, 2011).

Acreditamos que o professor é uma figura central para o desenvolvimento da criança, mas muitos ainda não estão preparados para conviver com as diversidades decorrentes das

diferentes raças existentes em nosso país e que compõem o ambiente escolar. Nessa perspectiva Munanga considera que:

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência da diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã (MUNANGA, 2005, p.15).

Assim o professor deve atuar em sua prática e fazer o possível para que suas aulas e suas atitudes não contribuam para nenhuma atitude de preconceito e discriminação.

Sobre a inclusão da História da África, Silva Jr. (2002) registrou que as demandas na escola eram de valorizar uma população que, no seu local de origem, era dotada de culturas e valores que foram ficando esquecidos com o passar do tempo, esquecendo os traços africanos que estão diretamente presentes em nossa cultura.

É comum a comunidade escolar envolver-se com práticas discriminatórias, mas é necessário que o professor esteja preparado para combater essas práticas realizando práticas pedagógicas que objetivam ampliar o universo sociocultural das crianças e introduzi-las em um contexto no qual o educar e o cuidar não omitam a diversidade.

Silva Jr. (2002) aborda a questão de que muitos professores preferem o silêncio diante de situações de discriminação. Este silêncio faz com que a criança branca se sinta superior à negra, o professor não alerta a criança branca quanto à ação discriminatória e isso ocasiona a expansão da discriminação para outras dimensões como classe social, doenças contagiosas e deficiência física.

Portanto, cabe ao professor com o apoio das escolas, ter sempre um olhar voltado para a diversidade e buscar trabalhar no contexto de suas aulas a cultura e a influência que elas trazem para nossa sociedade. Buscar um diálogo sobre questões de preconceito e discriminação é uma boa maneira de fazer com que os alunos falem sobre muitas questões que, às vezes, eles sofrem calados.

## **RESULTADOS**

Conhecer as leis, a história da população negra, as suas lutas, e reconhecer a herança dos povos africanos e suas culturas na formação do Brasil, é fundamental para construir práticas pedagógicas que estejam preocupadas com o pleno desenvolvimento da criança e que

considerem o reconhecimento do pertencimento racial como questão importante para construção da identidade. É tarefa do professor realizar projetos que valorizem a diversidade.

O professor, em sua prática, deve ter cautela com os materiais que utiliza em suas aulas, ter conhecimento do conteúdo dos livros e observar como os alunos reagem diante de determinados assuntos. Existem muitos livros e projetos de caráter inclusivo para trabalhar as questões raciais que enriquecem as aulas. Gomes (2005) refere uma proposta de trabalho com a diversidade étnico-racial e que pode ser considerada como estratégia de combate ao racismo no interior da sala de aula: trabalhar em conjunto com diferentes instituições escolares, trocando experiências com a proposta de diferentes projetos sobre as questões raciais e que envolvam a família e também a comunidade.

Projetos e livros que levem para a sala de aula o contexto do aluno ajudam na valorização da identidade e mostram para ele que existem diferenças que devem ser respeitadas e aceitas. E que, embora ninguém seja igual a ninguém, todos devem ser tratados com amor e igualdade, respeitando as peculiaridades de cada um.

Trinidad (2012) afirma que as crianças brancas, em sua maioria, não apresentam nenhum desejo de possuir qualquer característica física distinta das visíveis. Elas gostam de seus olhos, cabelos e, principalmente, de sua cor de pele. Ao contrário, das crianças filhas de casais inter-raciais que apresentam em suas características traços físicos que mais se assemelham com o grupo étnico racial negro, tendem a desejar alguma modificação, principalmente em relação ao cabelo e à cor dos olhos. Essas identificações que as crianças negras gostariam de possuir ficou evidente na pesquisa de campo.

Durante as pesquisas, realizou-se um trabalho de pesquisa de campo na E.E. Dom Pedro I, na cidade de Machado (MG), com crianças do 3º ano do ensino fundamental. A temática usada foi a contação de história que aborda a questão do negro e de suas características. O livro escolhido para a pesquisa foi **“Cabelo Bom é o Que”**, do autor Rodrigo Goecks. Este livro retrata, de maneira bem lúdica, a questão do que seria cabelo bom e que todos devem ser felizes com a cabelo que têm.

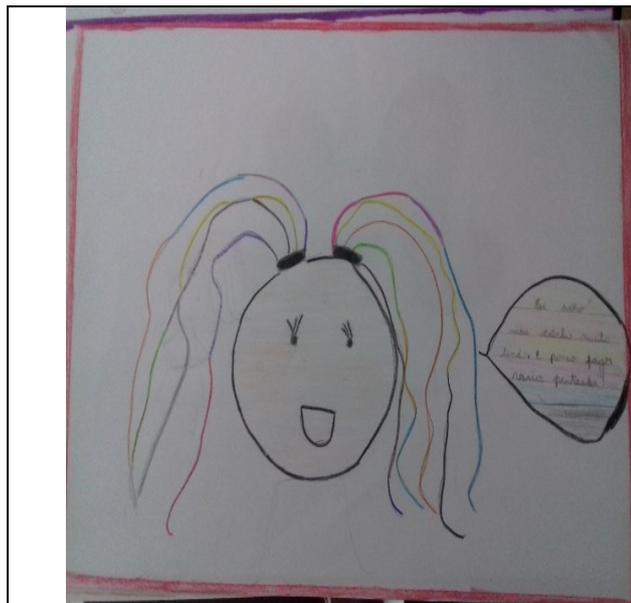
Após o momento da contação da história escolhida, foi aberta uma roda de conversa abordando o que as crianças pensavam sobre ter cabelo bom e se todos em suas casas possuem o cabelo do mesmo jeito. As crianças também desenharam aquilo que elas imaginavam ser cabelo bom. O projeto foi finalizado com uma lembrança para as professoras e as crianças. Ao final, buscamos construir a mensagem de que “nenhum de nós é igual e por isso devemos respeitar cada um com o seu jeito”.

A história e a atividade proposta foram aplicadas no mês de maio de 2018 para 22 crianças do terceiro ano do ensino fundamental, que ouviram com atenção a história e depois expressaram suas ideias, através de um momento de socialização, pois, na atividade proposta, havia algumas questões que foram aplicadas oralmente. As crianças finalizaram a atividade desenhando o que haviam entendido sobre o que era cabelo bom para eles.

No momento da socialização, as crianças expressaram o que sentiam em relação aos seus cabelos. Nesse momento, uma aluna negra ressaltou que: “Tia, não gosto do meu cabelo! Minha mãe diz que ele é todo cheio de cachinhos e, por isso, é lindo, mas mesmo assim não gosto, queria ter cabelo liso, bom”. Infelizmente a criança negra se sente muito inferiorizada e, mesmo o professor levando temas que abordem o seu contexto, ainda não é suficiente para que ela se sinta inserido no ambiente da sala de aula. Por isto cada vez mais temas como este necessitam ser debatidos no ambiente escolar. Uma outra aluna comentou a importância que cada um de nós tem, e o que não somos todos iguais e devemos nos aceitar como somos. Nessa perspectiva, deu para observar que essa e vários outras crianças que também fizeram comentários semelhantes tinham compreendido a proposta da atividade.

Abaixo apresentamos os desenhos feitos pelas crianças sobre o que seria cabelo bom.





As imagens mostram os desenhos feitos pelas crianças após a atividade de contação de histórias sobre o que é cabelo bom? Aplicada na escola Dom Pedro I em Machado, MG

## CONCLUSÕES

A discriminação racial é onipotente e forte, podendo concluir que a sistemática negação de uma imagem do “outro”, a negação e a visão estereotipada dos negros, é um dos mecanismos mais violentos vividos na escola e um dos fatores que mais concorrem para evasão da criança negra. Como podemos perceber, a criança precisa buscar sua autoestima e se sentir valorizada perante a sociedade.

O preconceito e a discriminação racial são fatores fortemente presentes em nossa sociedade e em nosso contexto escolar. O presente trabalho buscou identificar essas questões que abalam tanto as crianças em idade escolar pelo nosso país, e por que depois de tantos anos

que a escravidão foi abolida, ainda existem pessoas que massacram os negros com atitudes racistas.

O preconceito é doloroso para quem o sofre e o mais triste de se ver é que muitas vezes a pessoa que sofre a discriminação se cala diante de tal situação e dentro das escolas muitos professores se omitem quando veem seus alunos negros sofrerem tal ato, às vezes até colaboram para a situação da discriminação. Muitos professores pensam que os alunos negros sempre são os piores, os bagunceiros ou aqueles que não aprendem, chegam a ficar aterrorizados por pensarem que muitas vezes suas salas vão estar com a maioria dos alunos de cor negra, mas esse fato ocorre porque vivemos em uma sociedade preconceituosa e desinformada, pois muitos professores desconhecem a cultura do seu próprio país.

Mesmo com a criação de várias leis e medidas para a inserção do negro e da cultura africana, ainda muitos não percebem as diversas culturas que compõem o nosso país e se esquecem de que a África tem influência direta sobre o povo brasileiro.

É doloroso pensar que tantos ainda sofrem com a discriminação, pois, quem sofre um ato discriminatório, jamais esquece e leva aquilo na alma. E o ato discriminatório, por menor que seja abala, e fere o discriminado. No Brasil, o preconceito é considerado crime inafiançável, mas quando conversamos com quem já sofreu com o preconceito percebemos que a ferida aberta na sua alma é difícil de ser curada. Quando criança, tal atitude gera ainda maiores conflitos, pois a criança vai para a escola em busca de sua identidade, para aprender e buscar novos conhecimentos e, ao chegar àquele ambiente, se sente excluída e percebe que as crianças que mais ganham a atenção do professor (a) são as brancas, sem deixar de lado a questão dos personagens das histórias que geralmente são todos baseados nos europeus (loiros, de olhos azuis). É hora de acabar com esses estereótipos que a sociedade nos prega como se fossem os mais bonitos, pois a criança negra precisa se sentir valorizada e respeitada, precisa saber que seu cabelo crespo também é bonito, que sua mãe não vai ser sempre a empregada, a faxineira ou a babá, é hora de inserir as princesas negras, a médica negra, enfim, é hora de lutar por um país menos preconceituoso.

Assim conclui-se que com a perspectiva de que professores, governantes e toda a sociedade respeitem mais as diferenças, pois o preconceito é doloroso e só quem já vivenciou sabe as marcas que ele deixa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Maria Aparecida Silva. (Org). **Educação Infantil, Igualdade Racial e Diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais.** São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012. Disponível em: [portal.mec.gov.br/docman/agosto-2012-pdf/11283-educa-infantis-conceituais](http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2012-pdf/11283-educa-infantis-conceituais). Acesso em várias ocasiões de 2018.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Práticas pedagógicas para igualdade racial na educação infantil.** São Paulo: CEERT, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/handle/11465/633>. Acesso em várias ocasiões de 2017.

BRASIL, MEC, CNE/CEB, DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS GERAIS PARA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2010, p. 10).

BRASIL.MEC, Ministério da Educação. **História e Cultura Africana e Afro-brasileira na Educação Infantil.** Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002270/227009por.pdf>. Acesso em várias ocasiões de 2017.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O racismo na História do Brasil: mito e realidade.** São Paulo: Editora Ática, 1994.

CARVALHO, M. P. **Quem são os meninos que fracassam na escola?** Caderno de pesquisa, v.34, n.121, p.17. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, jan./abr. de 2004

FEDERAL, Constituição. Constituição Federal da Cultura. Disponível em <http://www.cultura.gov.br/documents/10907/963783/>. Acesso em 22/04/18

FRANÇA, Luísa. **Crianças negras atrasadas na escola são o dobro das brancas.** Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/educacao/criancas-negras-atrasadas-na-escola-sao-o-dobro-das-brancas.19> novembro 2011. Acesso em 16/05/18

G1. **Vítimas de racismo e injúria racial relatam casos de agressões.** Disponível em: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2017/07/vitimas-de-racismo-e-injuria-racial-relatam-casos-de-agressao.html> . Acesso em 22 abril 2018.

HAAG, Carlos. **Maria Luiza Tucci Carneiro: A raça “indesejável”.** Revista FAPESP. Abril de 2008. Disponível em <http://revistapesquisa.fapesp.br/2008/04/01/a-raca-indesejavel/>. Acesso em 21 de abril de 2018.

MENEZES, Débora. **Como trabalhar as relações raciais na pré escola.** Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/130/como-trabalhar-as-relacoes-raciais-na-pre-escola>. Fevereiro 2007. Acesso em várias vezes de 2018

MUNANGA, Kabengele (Org). **Superando o Racismo na Escola.** Brasília: MEC, 2005. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo\\_escola.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf). Acesso em várias ocasiões de 2017.

NASCIMENTO, Silvia. **Elas Não Querem Brincar Comigo**. Disponível em: <https://mundo-negro.inf.br/elasnaoquerembrincarcomigo>. 16 maio 2018. Acesso em 25/05/18

PAR, Somos. **Como o professor pode ajudar a superar as questões de preconceito em sala de aula**. Disponível em: <https://www.somospar.com.br/como-o-professor-pode-ajudar-a-superar-questoes-de-preconceito-em-sala-de-aula/>. Março de 2016. Acesso em 15/05/18

PIACENTI, Felipe. **Racismo**. Disponível em: <http://direitodetodos.com.br/tag/racismo/>. Acesso em 05 de maio 2017.

RODRIGUES, Iryá. **Menina sofre racismo em escola do AC e não quer mais ir à aula, diz tia**. Reportagem do G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2015/11/menina-sofre-racismo-em-escola-do-ac-e-nao-quer-mais-ir-aula-diz-tia.html>. Acesso em 21 de abril de 2018.

SILVA JUNIOR, Hédio. **Discriminação Racial nas Escolas: entre a lei e as práticas sociais**. Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em: <https://goo.gl/g8Kwqb>. Acesso em várias ocasiões de 2017.

SILVA JUNIOR, Hédio. **Educação Infantil: e práticas pedagógicas promotoras de igualdade racial**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT: Instituto Avisa lá - Formação Continuada de Educadores, 2012. Disponível em: <https://goo.gl/Si46rQ>. Acesso em várias ocasiões de 2017.